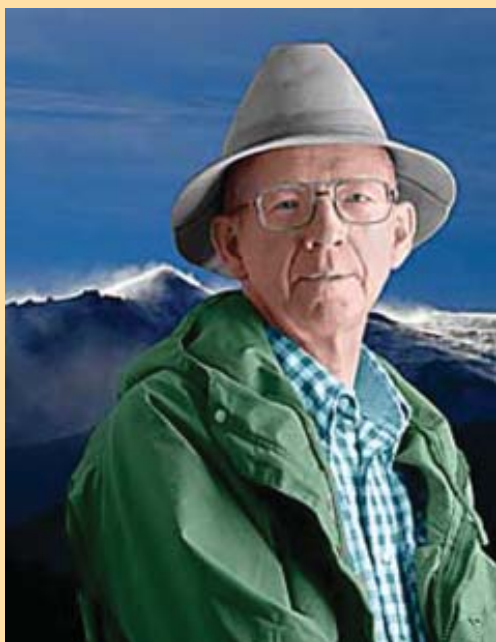




**Dr. Holmes Rolston III** é professor (University Distinguished Professor) do Departamento de Filosofia da Colorado State University. É autor de seis livros. Os mais recentes são: *Genes, Genesis and God* (“Genes, Gênese e Deus”) (Cambridge University Press, 1999), *Science and Religion: A Critical Survey* (“Ciência e Religião: uma Revisão Crítica”) (Random House, 1987), *Philosophy Gone Wild* (“Filosofia Enlouquecida”) (Prometheus Books, 1986), *Environmental Ethics* (“Ética Ambiental”) (Temple University Press, 1988), e *Conserving Natural Value* (“Conservando Valor Natural”) (Columbia University Press, 1994). Escreveu capítulos para outros oitenta livros e publicou mais de cem artigos acadêmicos.

***Dr. Rolston, você é reconhecido internacionalmente como especialista em ética ambiental. Sabemos que tem apresentado palestras em todos os sete continentes. Teve oportunidade de visitar o Brasil?***

Sim, em duas oportunidades. Em 1992, assisti à Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Eco-92). Naquela visita também assisti em Porto Alegre a uma conferência sobre ética ambiental, organizada pelo Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Aproveitei ainda algumas semanas para visitar o Pantanal e a região Amazônica, fazendo, inclusive, viagens a áreas bastante remotas. Em 2000, fui convidado a apresentar uma palestra no Segundo Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação, realizado em Campo Grande. Mais uma vez aproveitei a viagem, usando dois dias para visitar o

Pantanal. Penso que a minha experiência mais inesquecível foi ver de perto as antas. Assim, posso dizer que tive o prazer de conhecer o país, mas não tenho nenhuma pretensão de me considerar um especialista sobre o Brasil.

***Mas, você é especialista em ética ambiental. A publicação *Environmental Encyclopedia* (“Enciclopédia Ambiental”) diz que você é “o pai da ética ambiental”, tendo sido incluído na publicação *Fifty Key Thinkers on the Environment* (“Cinquenta Pensadores-Chave sobre Ambiência”). Você foi consagrado com o Prêmio “Temple” em Religião em 2003, em reconhecimento do seu trabalho sobre religião e conservação. Você está lecionando ética ambiental na Universidade Estadual do Colorado há um terço de século. Aparentemente, tem encontrado al-***

***guns caminhos certos que poderia recomendar. Vamos começar com a sua atividade de ensino. Como você mantém os estudantes interessados?***

Bem, é mais fácil quando o assunto que está sendo ensinado é estimulante, e a questão ambiental, sem dúvida, tem essa qualidade. Entretanto, as aulas de filosofia, mesmo sendo sobre ética, podem ser um pouco sonolentas se não se mantem uma dinâmica interessante. Tento usar estudos de caso provocativos, muitas vezes ilustrando-os com dois ou três minutos de gravações de vídeo, para estimular o diálogo e o pensar entre os alunos. Um exemplo: utilizo um pedaço de uma gravação que mostra caçadores de troféu matando um urso, após o que seus cachorros fazem-no subir numa árvore. Há várias outras que uso: uma sobre caçadores clandestinos de elefantes; outra sobre um povo indígena norte-

americano sendo expropriado de seus sítios sacros; outra mostrando incêndios florestais destruindo o Parque Nacional *Yellowstone*; e ainda outra com um mapa do planeta Terra pipocando com manchas de luz, que representam o crescimento da população ao longo dos séculos e explodindo nas últimas décadas. Utilizo uma que destaca um pedaço do discurso de Maurice Strong na Eco-92; outra de um representante da Malásia defendendo na mesma conferência o desmatamento no seu país. Uso uma gravação mostrando mulheres indianas *Chipko* abraçando árvores. É assim que consigo despertar o interesse dos alunos para os debates tanto locais como globais.

Tento praticar uma estratégia parecida quando escrevo – misturar teoria e prática, tentando mostrar que o princípio conceitual tem tanta importância quanto a ação. A ação precisa ser acooplada ao pensamento. É importante usar bons estudos de caso que ilustrem a mensagem em termos do mundo real. Cientes de que esse é meu ponto de vista, muitos leitores têm opinado que o livro de minha autoria, intitulado *Conserving Natural Value* (“Conservando Valor Natural”) é minha melhor obra. Não foi escrito para filósofos (apesar de conter muita filosofia); foi escrito para calouros universitários que cursam disciplinas em biologia da conservação.

*Isso nos leva à próxima pergunta. Ainda existe algum papel para filosofia nesses tempos em que dependemos principalmente dos cientistas e dos engenheiros para responder aos problemas ambientais?*

Gosto de pegar no pé dos cientistas quando eles fazem esse tipo de per-

“

*A ciência não consegue ensinar aquilo que mais precisamos saber sobre a natureza: como atribuir-lhe valor.*

”

gunta. Respondo-lhes do seguinte modo: A ciência não consegue ensinar aquilo que mais precisamos saber sobre a natureza: como atribuir-lhe valor. Sei que, dizendo isso, estou sendo provocativo, mas também estou falando de um problema sério. De fato, a ciência nos ensina história natural. A ciência nos confere grandes poderes para melhorar a vida humana por meio da tecnologia. Contudo, a ciência erra na hora de lidar com valores. O que entender da natureza, ao olhar para o passado em termos evolucionários? O que entender da natureza, dada nossa destreza tecnológica? Se nós queremos que a natureza seja gerenciada, quem serão os gerentes e de que maneira devem gerenciá-la? Responderia da mesma forma aos engenheiros, tão acostumados a aplicar consertos tecnológicos. E assim também aos economistas, tão acostumados a pensar em termos de mercados, recursos e capital natural.

A ciência tem as costas largas, mas a barriga é mole. Nós, seres humanos modernos, cada vez mais competentes em navegar pelo mundo natural, estamos diminuindo nossas certezas quanto aos valores deste mundo, aos seus significados. A correlação não é acidental. Um dos provérbios que lem-

bro da minha criação no meio rural é o seguinte: “Quanto mais rápido um cavalo cego corra, tanto mais rápida será a sua morte”. É difícil encontrar algum sentido num mundo em que o valor somente aparece como consequência do toque humano. Difícil encontrar sentido quando tudo é inundado por uma instrumentalidade plena, seja de artefatos ou de recursos naturais.

Nacional e internacionalmente, global e localmente, continuamos confrontando constantemente questões agudas e dolorosas sobre valores. O capitalismo consumado, mesmo que aumente o padrão de vida de muitas pessoas, ao mesmo tempo está tornando, aparentemente, os ricos mais ricos e os pobres mais pobres. Nos Estados Unidos, uma das nossas metas nacionais parece ser o consumismo sempre crescente, financiado pela ciência cada vez mais inteligente, a engenharia cada vez mais inteligente e as ciências econômicas cada vez mais inteligentes. Nesses casos, as observações de um filósofo nos ajudam a perguntar se isso é, de fato, tão inteligente; talvez seja a arrogância humana no limiar de uma queda. Talvez isso seja mais uma manifestação do problema que uma resposta. Talvez a resposta não seja contar com mais maximizadores, mas ter mais pessoas que saibam dizer “Basta!”. Talvez a resposta seja ter mais pessoas conscientes do que já são os riscos com a biodiversidade.

Isso toca a minha sensibilidade religiosa. Era uma vez, o povo hebraico entrou numa terra prometida. Era de esperar que a justiça seria derramada como as águas e na terra iriam fluir leite e mel. A proposta é que as bênçãos da terra somente poderiam ser recebidas se a terra fosse habitada

com justiça e caridade. Nenhum povo pode conviver em harmonia com a paisagem onde reside, numa relação sustentável com seus recursos naturais, se ao menos não existir justiça social. A Terra da Promessa virou, agora, o Planeta da Promessa. Para que surjam esses tipos de convicções, precisa-se de filósofos e teólogos – não apenas cientistas, engenheiros e economistas.

*Ficamos sabendo que você acabou de retornar de Paris, onde ajudou a desenvolver uma declaração de política de ética ambiental, em nível global, para a UNESCO. Parece que a UNESCO, pelo menos, está disposta a ouvir o que diz um filósofo. Falando de mensagens filosóficas, você gostaria de dizer alguma coisa mais específica aos brasileiros?*

Um dos principais enfoques que saiu da Eco-92 no Rio foi o “desenvolvimento sustentável”. Por mais de uma década, esse assunto tem ocupado o centro das discussões sobre ética e política ambiental. Gostaria de advertir-lhes que esse conceito é apenas meia verdade. Certamente, não quero pormenorizar desenvolvimento sustentável. Mas a outra verdade, a metade mais importante, é a conservação de uma “biosfera sustentável”. O Brasil precisa de desenvolvimento, sim; entretanto, o Brasil precisa também de desenvolvimento quanto às suas paisagens maravilhosas. Todas as nações precisam de ambos, mas o Brasil é uma das paisagens mais ricas do Planeta na sua biodiversidade. Mantenham o enfoque tanto na sustentação da sua biosfera quanto do seu desenvolvimento.

“  
***O capitalismo consumado, mesmo que aumente o padrão de vida de muitas pessoas, ao mesmo tempo, está tornando, aparentemente, os ricos mais ricos e os pobres mais pobres.(...)  
Talvez a resposta não seja contar com mais maximizadores, mas ter mais pessoas que saibam dizer “Basta!”.***  
”

*Um dos temas desta edição da Revista é como a filosofia pode abordar o conceito de ecossistema. As suas observações sobre a biosfera levantam uma série de debates relevantes, de como os filósofos e cientistas podem atribuir valor aos ecossistemas. Em termos de ética, é fácil entender como poderíamos assumir um compromisso de sustentar o desenvolvimento. Entretanto, existe para nós alguma obrigação de sustentar os ecossistemas?*

Prefiro pensar que sim. A nossa obrigação mais importante ocorre em nível da unidade mais fundamental de desenvolvimento e sobrevivência.

Numa escala global, essa unidade é a Terra, o planeta. Numa escala continental ou nacional, essa unidade são os ecossistemas. O destino dos brasileiros está atrelado aos seus ecossistemas – porém isso também se aplica, certamente, aos norte-americanos e aos outros povos.

*Mas, atuando assim, não estamos salvando os ecossistemas como recursos para nossas comunidades humanas?*

Acho que muitas tarefas da ética ambiental podem ser realizadas mantendo em mente nossos deveres para com as outras pessoas. Os seres humanos precisam de uma boa saúde, por exemplo. A saúde não é somente uma questão biológica limitada ao ambiente da pele para dentro. Saúde ambiental do ambiente fora da pele é igualmente importante. É difícil ter uma cultura saudável existindo num ambiente doentio. Um ambiente minimamente saudável tampouco é desejável; precisamos de um ambiente de excelente qualidade.

Nosso bem-estar é questão de viver em comunidades sustentáveis, humanas e naturais; tal prosperidade requer políticas e comportamentos que mantenham a população e o desenvolvimento em harmonia com as paisagens. Será difícil manter a paz entre seres humanos sem conseguir, primeiramente, a paz com nosso meio.

*Parece que estamos cuidando de nós mesmos, ainda que esses cuidados incluam a proteção das nossas terras.*

Bem, acho que estamos cada vez mais cientes de que o viver bem na Terra significa mais do que apenas cuidar de si mesmo. Precisamos zelar pelo

sistema criativo e prolífico em que habitamos. Lidando com um hectare ou mais de um imóvel, ou talvez com centenas ou milhares de hectares, podemos nos considerar como possuidores da terra, como proprietários de terras privadas. Ainda lidando com uma determinada paisagem, podemos pensar que a Terra pertence a nós, como cidadãos do país geograficamente localizado sobre um ponto.

Entretanto, na escala global, o Planeta Terra não é algo que possuímos. A Terra não pertence a nós; nós pertencemos a ela. É o lugar para nosso viver. Não se trata de propriedade, mas de comunidade. Acho que podemos resgatar essa perspectiva e aplicá-la aos níveis nacional e regional. Os brasileiros devem se considerar tanto como residentes das suas paisagens como cidadãos de uma nação. Sem dúvida, eu me considero um residente tanto das Montanhas Rochosas quanto um cidadão do Estado do Colorado.

Retornando ao debate sobre desenvolvimento, o que nós precisamos não são apenas “riquezas”, mas uma “vida rica”; praticar um respeito apropriado para com a biodiversidade na Terra enriquece a vida humana. Não queremos um desenvolvimento que requer a ruína da criação.

***Você gostaria de concluir com algum lembrete ambiental? Que tal “pensar globalmente e atuar localmente”.***

Cada vez mais somos responsáveis pelo futuro do Planeta Terra. Nesse sentido, tudo o que nós, humanos, consideramos valioso está em jogo na busca do desenvolvimento sustentável, este sendo ainda encoberto por uma biosfera sustentável. Se puder dizer que existe algum dever, temos que assumir o cuidado desse mundo ao nosso redor, porque é a casa de todos nós. Os seres humanos encontram na Terra o lugar do seu viver; cada

vez mais dominarão o planeta. Entretanto, nós, seres humanos, mesmo sendo dominadores, queremos fazer parte de algo maior, e isso podemos realizar somente enfocando, numa escala mais local, as comunidades do nosso entorno que chamamos ecossistemas.

Não é simplesmente a maneira como uma sociedade trata de seus pobres, de suas crianças, de seus grupos minoritários, de suas mulheres, de seus deficientes físicos ou de suas gerações futuras que revela o caráter dessa sociedade. É também uma questão de como ela trata da sua fauna, flora, espécies, ecossistemas e paisagens.

## REFERÊNCIA

ROLSTON, H. III. Intrinsic values in nature. In: CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, 2., Campo Grande: [s.n.], 2000. *Anais...* v.1., p. 76-84.

## SUMMARY INTERVIEW

### INTERVIEW WITH HOLMES ROLSTON III

Ph.D., University Distinguished  
Professor, Department of  
Philosophy, Colorado State  
University, USA

Renowned for his international work in environmental ethics, Dr. Rolston describes his two visits to Brazil: the first for the 1992 UNCED Conference, in Rio de Janeiro, and the second in 2000, for the II Brazilian

National Congress on Protected Areas, in Campo Grande. He shares some of the teaching techniques that he uses to keep his university philosophy classes interesting. One is extensive use of video clips including scenes of trophy hunters, forest fires, population maps, and indigenous people defending their sacred places. Does philosophy has a role in this modern age dominated by scientists, engineers and economists? Dr. Rolston recognizes that these professions give us great powers to improve human life through technology. But he says we still generally lack ways to discover meaning and value. He warns that the

concept of sustainable development is a half truth if it concentrates only on development. His advice: focus as much on sustaining the biosphere as on development. Should we save ecosystems because they have value in themselves or because they provide resources for our human communities? According to Dr. Rolston, we need to keep ecosystems healthy in order to keep humans healthy. But living on Earth is more than just looking out for ourselves. Earth is not something we own. Earth does not belong to us; rather we belong to it and we belong on it. The question is not of property, but of community.

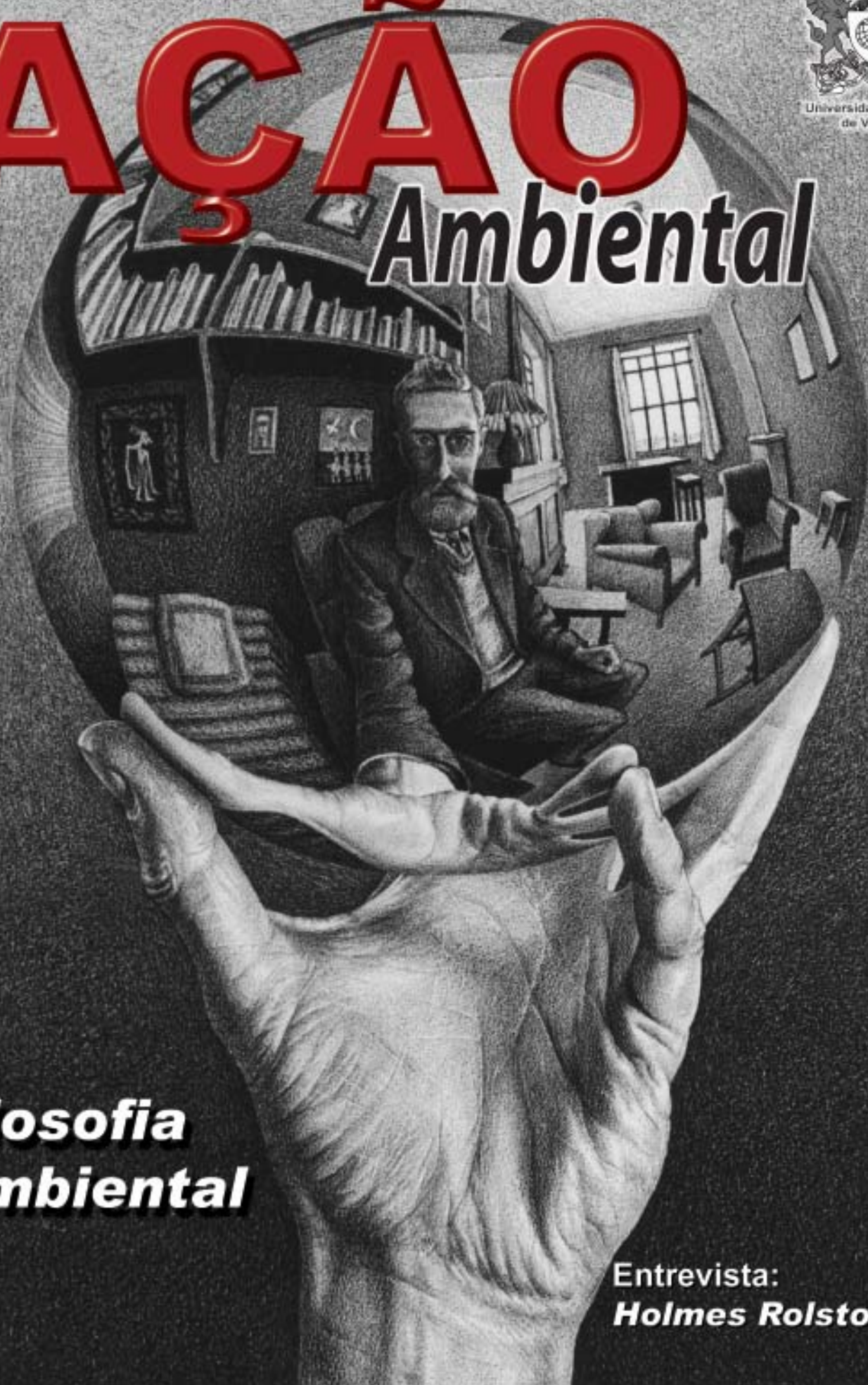
Revista Bimestral - Ano VII - Número 30  
Setembro/Outubro/2004 - R\$ 4,50

ISSN 1519-0552



# AÇÃO

## Ambiental



**filosofia  
ambiental**

Entrevista:  
**Holmes Rolston III**

English translation

*Dr. Rolston, you are internationally recognized as an expert in environmental ethics? I see that you have lectured on all seven continents. But have you actually been to Brazil?*

Yes, twice. In 1992 I attended the UNCED Conference at Rio de Janeiro. At that time I also attended a conference at Porte Alegre, on environmental ethics, sponsored by the Department of Philosophy at the Federal University of Rio Grande Do Sul. I also got in several weeks of visit to the Pantanal and to the Amazon region, including a trip into some wilder regions. In 2000 I was invited to speak at the Second National Brazilian Congress on Conservation Areas and Biodiversity, in Campo Grande. Then I got back into the Pantanal for a couple days. I think my most memorable experience then was seeing tapirs at close range. So I have enjoyed Brazil, but I certainly don't claim to be an expert on Brazil.

*But you are an expert on environmental ethics. The Environmental Encyclopedia calls you "the father of environmental ethics," and you were featured in Fifty Key Thinkers on the Environment. You won the Templeton Prize in Religion in 2003 for your work on religion and conservation. You've been teaching environmental ethics at Colorado State University a third of a century. You must be doing something right. Let's start with your teaching. What do you do that keeps the students interested?*

Well, it helps to have a stimulating subject matter, and the environment is certainly that. But a philosophy class, even an ethics class, can get a little sleepy unless you keep pushing. I try to use provocative cases, often illustrating them with a couple minutes of video, to get students talking, and thinking. I use a video clip of trophy hunters killing a bear that they have treed with dogs, for example. I use one about shooting elephant poachers, another one about native Americans dispossessed from their sacred spaces, another showing forest fires burning up Yellowstone Park, another one with a map of Earth dotted with lights showing the escalating population over the centuries, exploding in the last decades. I use one that takes a couple minutes out of one of Maurice Strong's speeches at the UNCED; another one from a Malaysian delegate there defending their cutting of their forests. I use one of Chipko women in India hugging their trees. This way I get student's waked up to both the local and global issues.

I try to do something of the same thing when I write. Mix the theory and the practice; try to show that the principle is important to the action. Acting needs to be coupled with thinking. Use good cases that illustrate the point from the real world. Lots of people say that, with this in mind, that *Conserving Natural Value* is my best book. It wasn't written for philosophers (though there is a lot of philosophy in it); it was written for college freshmen in conservation biology classes.

*That leads to my next question. Is there much role for philosophy in this age that relies mostly on scientists and engineers for responding to environmental problems? Or if not them, then the economists.*

I tease the scientists a bit when I get that sort of question from them. I reply: Science can't teach us what we most need to know about nature: how to value it. Actually I'm being provocative, but serious. Science does teach us natural history. Science gives us great powers for the improvement of human life through technology. But science limps when it comes to values. What to make of nature, looking to the evolutionary past, what to make of nature, given our technological prowess, whether we wish a managed nature, who will be the managers and how they might manage--none of these are questions answered by science. I'd say the same thing to engineers with their technological fixes, and to the economists with their markets, resources, and natural capital.

Science has a hard back but a soft underbelly. We modern humans, increasingly competent about making our way through the natural world, have been decreasingly confident about its values, its meanings. The correlation is not accidental. One of the proverbs of my country rearing was: "The faster a blind horse runs, the sooner it will perish." It is hard to discover meaning in a world where value appears only at the human touch, hard to locate meaning when engulfed with sheer instrumentality, whether of artifacts or natural resources.

Nationally and internationally, globally and locally, we confront value questions as sharp and as painful as ever. Consummate capitalism, raise the living standards of many though it may, seems also to be making the rich richer and the poor poorer. One of our U. S. national goals seems to be ever escalating consumption, funded by ever smarter science, smarter engineering, smarter economics. A philosopher helps us to ask whether this is so smart; maybe it is human arrogance due for a fall. Maybe this is more of the problem not more answer. Maybe the answer is not more maximizers, but more people who know how to say "Enough." Maybe the answer is more people who know they are already rich with biodiversity.

I can even get religious about this. Once the Hebrew people entered a promised land. Justice was to run down like waters, and the land would flow with milk and honey. The claim is that the land's blessing can be received only if the land is inhabited justly and charitably. No people can live in harmony with their landscape, in a sustainable relationship with their natural resources, unless there is social justice. The Land of Promise is now the Planet of Promise. For these kinds of convictions you need philosophers and theologians--not just scientists, engineers, economists.

*I also understand that you were just in Paris helping to develop a UNESCO policy statement on environmental ethics at the global level. At least UNESCO seems to want to talk to a philosopher. What would you want to say to Brazilians?*

One of the big emphases that came out of UNCED at Rio was "sustainable development." This has been the center of discussion in environmental ethics and policy for over a decade now. I think I'd want to warn that that is only a half

truth. I certainly don't want to undermine sustainable development. But the other truth, the more important half, is to conserve a "sustainable biosphere." Brazil needs development, yes; but Brazil needs development on its marvelous landscapes. Every nation needs both, but Brazil is one of the richest landscapes on Earth in its biodiversity. Keep the focus as much on sustaining your biosphere as your development.

*One of our themes in this issue is how environmental philosophy thinks of ecosystems. Your talk of the biosphere brings up a number of relevant issues concerning the ways that both philosophers and scientists value ecosystems. One can easily understand, in ethics, how one might have a duty to sustain development. But can we have duties to sustaining ecosystems?*

I like to think of it this way. Our most important duty is at the level of the most fundamental unit of development and survival. On global scales, that's Earth, the planet. On continental and national scales, that's ecosystems. Brazilians have an entwined destiny with their ecosystems--as of course also do the Americans and other peoples.

*But wouldn't we be saving ecosystems as resources for our human communities?*

I think a great deal of the work of environmental ethics can be done mindful of our duties to other humans. Humans need to be healthy, for instance. Health is not simply a matter of biology from the skin-in. Environmental health, from the skin-out, is just as important. It is hard to have a healthy culture on a sick environment. Nor is environmental health just minimal; we need a quality environment.

Our welfare, our well-being is a matter of living in sustainable communities, human and natural; this flourishing requires policies and behavior that keep population and development in harmony with landscapes. It is going to be difficult to keep peace with each other, until we are at peace with our environment.

*It still sounds like we are looking out after ourselves, even if this includes our lands.*

But I think we are coming to realize that living well on Earth is more than just looking out for ourselves. We need to care for the creative, prolific system that we inhabit. Dealing with an acre or two of real estate, perhaps even with hundreds or thousands of acres, we can think that the earth belongs to us, as private property holders. Maybe even dealing with a landscape, we can think that the earth belongs to us, as citizens of the country geographically located there.

But on the global scale, Earth is not something we own. Earth does not belong to us; rather we belong to it. We belong on it. The question is not of property, but of community. I think we can bring that perspective back down to

national and regional levels. Brazilians ought to think of themselves as much as residents on their landscapes as citizens of a nation. I certainly think of myself as a resident of the Rocky Mountains, as much as a citizen of the state of Colorado.

To return to the development issue, what we want is not just "riches," but a "rich life," and appropriate respect for the biodiversity on Earth enriches human life. We don't want development that requires the "undoing" of creation.

*How about a concluding word? Perhaps this could still be: Act globally; think locally?*

We are becoming increasingly responsible for Earth's future. In that sense, everything humans value is at stake in seeking sustainable development and, enveloping that, a sustainable biosphere. If there are any duties at all, we must care for this surrounding world, since this is the home for us all. Humans belong on the planet; they will increasingly dominate the planet. But we humans, dominant though we are, want to be a part of something bigger, and this we can only do by sometimes drawing back to recognize the surrounding communities of life that we call ecosystems.

It is not simply what a society does to its poor, its blacks, slaves, children, minorities, women, handicapped, or future generations that reveals the character of that society, but also what it does to its fauna, flora, species, ecosystems, landscapes.

Reference:

ROLSTON, H. "Intrinsic Values in Nature." In CONGRESSO BRASILEIRO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, 2, Campo Grande: [s.n., 2000. *Anias ...* v. 1, p. 76-84.